

Autopercepção no Rorschach de vítimas de abuso sexual infantil

Silvana Alba Scortegagna

*Universidade São Francisco
Itatiba, SP, Brasil*

Anna Elisa de Villemor-Amaral

*Universidade de Passo Fundo
Passo Fundo, RS, Brasil*

RESUMO

Este estudo teve como objetivo buscar a validade do Rorschach em vítimas de abuso sexual. Participaram 76 indivíduos, de ambos os sexos, com idades entre 10 e 14 anos, do ensino fundamental e médio, com nível socioeconômico médio-baixo, divididos em dois grupos distintos, um grupo de vítimas e outro de não-vítimas. Foram utilizados uma ficha sociodemográfica e o Rorschach no Sistema Compreensivo. O teste MANOVA revelou diferenças significativas entre os indicadores do Rorschach nas respostas de movimento inanimado m, e de conteúdo sangue B1. As respostas de conteúdo anatômico An, mórbido MOR, sexual Sx, e de qualidade formal FQ- demonstraram pontuações mais altas no grupo de vítimas. A presença de uma autopercepção distorcida e de uma autoestima rebaixada nas vítimas pode ser decorrente do processo de vitimização. Esses resultados são consistentes com estudos anteriores e apóiam a validade do uso do Rorschach na avaliação de vítimas de abuso sexual.

Palavras-chave: Avaliação psicológica; Sistema Compreensivo; evidência de validade; crianças e adolescentes; saúde pública.

ABSTRACT

Self perception in the Rorschach of sexual abuse victims

This study aimed at the validity of Rorschach in victims of sexual abuse. The 76 subjects were male and female, between 10 and 14 years old, ranging from elementary to high school, belonging to low and middle socio-economic levels and divided into a group of victims and a non-victims group. A socio-demographic form and the Rorschach Comprehensive System were used. The MANOVA Test showed significant differences between Rorschach indexes in answers of inanimate movement m, and in blood content B1. The answers of anatomic content An, morbid MOR, sexual Sx and formal quality FQ- showed higher scores in the victims group. The presence of a distorted self-perception and a low self-esteem in victims might result from the victimization process. These results are consistent with previous studies which support the use of Rorschach in the assessment of sexual abuse victims.

Keywords: Psychological assessment; Comprehensive System; validity evidence; children and adolescents; public health.

RESUMEN

Autopercepción en el Rorschach de Víctimas de Abuso Sexual en niños

El objetivo de este estudio fue buscar la validez del Rorschach en víctimas de abuso sexual. Participaron 76 individuos, de ambos los sexos, con edades entre 10 y 14 años, de enseñanza fundamental y mediana, con nivel socio económico mediano-bajo, divididos en dos grupos distintos, un grupo de víctimas y un de no-víctimas. Fueron utilizados una ficha sociodemográfica y el Rorschach en el Sistema Compreensivo. El test MANOVA reveló distinciones significativas entre los indicadores del Rorschach en las respuestas del movimiento inanimado m, e del contenido sangre B1. Las respuestas de contenido anatómico An, mórbido MOR, sexual Sx, y de calidad formal FQ- demostraron puntuaciones más altas en el grupo de víctimas. La presencia de una autopercepción distorsionada y de una autoestima rebajada en las víctimas puede ser en razón del proceso de victimización. Estos resultados están de acuerdo con estudios anteriores y apoyan la validez del uso del Rorschach en la evaluación de víctimas de abuso sexual.

Palabras clave: Evaluación psicológica; Sistema Compreensivo; evidencia de validez; niños y adolescentes; salud pública.

O abuso sexual de crianças e adolescentes constitui uma violência que transgride o direito a uma convivência familiar protetora e ultrapassa os limites estabelecidos pela cultura para um saudável desenvolvimento individual e social. Quando emerge no contexto familiar, geralmente o agressor utiliza-se da confiança e do amor da vítima para impor pela violência física, ameaças ou indução de sua vontade, práticas eróticas e sexuais para estimulação ou satisfação próprias. Tais condutas podem ser encobertas por atitudes de intimidade e de carinho (Furniss, 1993) e resultar em implicações ainda mais danosas para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da vítima (Habigzang e Caminha, 2004; Osofsky, 1995; Shengold, 1999). Essas consequências e os altos índices de incidência fazem desse infortúnio um problema de saúde pública.

As estimativas de prevalência e incidência do processo de vitimização são alarmantes e fundamentais para o desenvolvimento de políticas de prevenção e de abordagem desse fenômeno complexo. Nos Estados Unidos uma criança é sexualmente abusada a cada quatro segundos sendo 90% vitimadas por pessoas que elas conhecem, amam ou confiam (Finkelhor, Ormrod, Turner e Hamby, 2005). No Brasil, os dados não diferem das sociedades ocidentais em geral e se estima que 165 crianças sofram de abuso sexual por dia, ou sete abusos a cada hora, sendo 80% das vítimas meninas, em 49% de dois e cinco anos e 33% entre seis e dez anos de idade (ABRAPIA, 2002).

Entretanto, os dados apresentados revelam apenas parcialmente o problema já que inexitem dados globais a respeito do fenômeno, estimando-se que menos de 10% dos casos sejam notificados (Faúndes, Andalaf e Freitas, 1998). Diante da ausência de dados de denúncia mais consistentes, pode-se asseverar que o abuso sexual é um grave problema que requer uma abordagem segura, não só para a identificação de possíveis vítimas como, sobretudo, para planejar estratégias de intervenção junto a essa população, às suas famílias e aos perpetradores.

Nesse contexto, a avaliação psicológica tem sido solicitada de modo significativo no âmbito legal, nos processos investigativos de suspeita de vitimização sexual infantil para oferecer apoio aos processos judiciais na busca de constatações quanto à veracidade ou não das acusações e na tomada de decisões para orientar as ações de intervenção. Apesar das decisões buscarem respaldos cientificamente sustentados, podem ser suscetíveis de enviesamentos. No caso das provas psicológicas, os enviesamentos podem decorrer da falta de adequação das suas características técnicas e psicométricas e da falta de instrumentos válidos para responder as demandas do contexto forense. Assim sendo, é importante identificar o quanto o Rorschach

colabora no trabalho de avaliação clínica de vítimas de abuso sexual e de que forma.

Na literatura pesquisada, encontram-se trabalhos que procuram usar o Rorschach para tentar determinar ou confirmar a ocorrência de abuso e outros que visam identificar as possíveis consequências do abuso no desenvolvimento psíquico de crianças. Tratam-se de objetivos diferentes, sendo o primeiro mais voltado para dar suporte a decisões judiciais e o outro visando o auxílio às pessoas envolvidas. Daí, a necessidade de verificar na literatura as principais conclusões dessas duas perspectivas na avaliação psicológica de vítimas de abuso.

Alguns estudos têm sido desenvolvidos com o objetivo de diferenciar as respostas Rorschach de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual em comparação com as não-vítimas. Com essa preocupação, Einbender e Friedrich (1989) verificaram que os grupos diferiram no funcionamento cognitivo, social, e na preocupação sexual, sendo que os relatos das vítimas resultaram em um elevado índice de conteúdo mórbido, sexual e de respostas incomuns.

Diversos estudos levam a conclusões semelhantes constatando que as vítimas exibiram mais respostas de conteúdo não usual e incomum como sexo e sangue, havendo notadamente uma alta frequência de respostas sexuais. Friedrich, Einbender e Carty (1999) e Kendall-Tackett, Williams e Finkelhor (1993) descreveram a alta frequência de conteúdos sexo e sangue como sendo o mais robusto indicador do abuso sexual. Leifer, Shapiro, Martone e Kassem (1991) constataram que meninas vitimizadas sexualmente demonstraram pensamento mais perturbado, um nível mais elevado de estresse relativo às suas habilidades adaptativas; descreveram os relacionamentos humanos de forma mais negativa e demonstraram mais preocupação com a sexualidade.

O emprego do Rorschach na Argentina, em situações de abuso sexual, também tem sido reportado na busca de elementos para o diagnóstico e a determinação de dano mental. Gravenhorst (2002) constatou a presença de respostas de forma indicando rigidez defensiva, dissociação e super adaptação; respostas de danos associados com a sexualidade bem como respostas de conteúdo de esqueleto, como elemento melancólico; presença de conteúdo de sangue; respostas sexuais diretas como indicador de falha de repressão em protocolos de vítimas de abuso sexual.

Observa-se também na literatura estudos com crianças e adultos vítimas de abuso sexual, que buscam demonstrar as consequências indeléveis de tais experiências, reforçando a necessidade de intervenções apropriadas. Autores como Brooker (1990), Cerney (1990) e Sauders (1991), Nash, Hulsey, Sexton, Harralson e Lambert (1993), Billingsley (1995), Friedrich, Jaworski, Huxsahl e Bengtson (1997),

reportaram de um modo geral um forte componente dissociativo no Rorschach verificado nas respostas de conteúdo mórbido e sexual e no aumento do índice de respostas incomuns.

Em recente exposição, Chagnon (2008), chamou a atenção para as características de protocolos dissociativos que revelam indicadores de um prejuízo primário na construção da identidade, onde insurgem relatos de conteúdos mal-diferenciados e pouco integrados. De maneira recorrente, são comuns as dificuldades em diferenciar formas precisas, que aparecem frequentemente interpenetradas, além de ocorrer verbalizações quanto ao interior do corpo, utilizando-se como recurso as imagens anatômicas e uterinas, o que remete a uma fragilidade das fronteiras dentro-fora ou interno-externo. É interessante observar, que os relatos de estudos anteriores (Chabert, 2004) descrevem que as imagens anatômicas evocadas, podem estar testemunhando o dano corporal e psíquico sofrido pelo sujeito, o que corresponde a um sentido de não ser, ou ainda, de não ser diferenciado.

Nesta perspectiva, Zivney, Nash e Hulsey (1988) buscaram identificar características de abuso sexual infantil associadas com o desenvolvimento de danos mais sérios nas análises das respostas de movimento humano de qualidade formal distorcida; respostas mórbidas; acromáticas; de sombreado difuso; e respostas com escores especiais. Os autores concluíram que o abuso na primeira infância estava relacionado às variáveis do Rorschach caracterizando cognição perturbada e senso de si mesmo danificado. Ornduff, Centeno e Kelsey (1999) ao relacionarem os estudos de abuso sexual com a utilização do Rorschach na avaliação de vítimas de abuso sexual (Cerney, 1990; Clinton e Jenkins-Moore, 1994; Leifer et al., 1991; Saunders, 1991; Zivney et al., 1988) apontaram que crianças e adultos com histórias de abuso sexual sofrem de dificuldades no âmbito interpessoal.

A escassez de estudos internacionais e a inexistência de estudos brasileiros com o Método de Rorschach na investigação do abuso sexual infantil, como pôde ser observado, confere a este instrumento necessidade de realização de estudos de validação e de diagnósticos clínicos. Desse modo, o objetivo deste trabalho é contribuir com estudos de validade do Rorschach na identificação de características de indivíduos vítimas de abuso sexual em relação aos indicadores da autopercepção, que conforme demonstrado na literatura, costuma ser a esfera da personalidade mais atingida nesses casos. Foram adicionalmente investigadas variáveis relacionadas à percepção interpessoal; ajustamento perceptivo e adequação a realidade e indicadores de estresse, supondo-se que estes também estariam denotando prejuízos no

funcionamento psicológico de crianças vitimizadas em comparação com as não-vítimas.

MÉTODO

Participantes

Participaram do estudo 76 adolescentes, com idades entre 10 e 14 anos, média 11,80 ($dp=1.36$), de ambos os sexos, sendo 64 (84,2%) meninas e 12 (15,8%) meninos do ensino fundamental e médio, com nível socioeconômico médio-baixo, residentes no norte do estado do Rio Grande do Sul. A amostra foi dividida em dois grupos distintos, um grupo de vítimas de abuso sexual intrafamiliar e outro grupo de não-vítimas.

O grupo de vítimas foi composto de 36 (47,4%) indivíduos, 30 (84,2%) meninas, seis (15,8%) meninos que sofreram abuso sexual intrafamiliar, que residiam com a família ou estavam em instituições que acolhem crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade. Para a inclusão e exclusão dos participantes foram adotados os seguintes critérios: a) incidentes de abuso sexual nos quais o (s) perpetrador (es) envolveu uma criança ou adolescente para sua própria satisfação por meio de atos como tocar, beijar, acariciar as zonas genitais, se masturbar, com ou não penetração digital ou com o órgão genital na vagina e/ou no ânus; b) o perpetrador era cinco anos ou mais velho que a criança; c) quando da coleta do dado, a criança não estava vivendo na mesma residência do perpetrador; d) o abuso foi comprovado conforme documentação nos prontuários e foram confirmados pelos responsáveis legais dos participantes.

O grupo de não-vítimas foi constituído por 40 (52,6%) indivíduos, 33 meninas e sete meninos que frequentavam escolas estaduais de ensino fundamental e médio. Este grupo foi obtido por meio de referência dos professores considerando os seguintes critérios: a) não terem história documentada de abuso sexual; b) não estarem em tratamento psicoterápico; c) não apresentarem queixas específicas relacionadas à aprendizagem e comportamento.

Instrumentos

Ficha sociodemográfica

Constituiu-se num protocolo com informações sociodemográficas como idade, gênero, escolaridade, *status* atual da custódia e caracterização da situação do abuso sexual com base nos estudos de Walrath, Ybarra, Sheeham, Holden e Burns (2006).

O Método de Rorschach

Composto por manchas de tinta em que o sujeito deve responder a questão “com que isso se parece?” o

Método de Rorschach constitui-se em um instrumento de investigação da personalidade, na perspectiva do Sistema Compreensivo (Exner, 2003). Em meio às inúmeras interpretações que os dados das respostas permitem gerar selecionaram-se as variáveis relativas à autopercepção, o relacionamento e percepção interpessoal; ajustamento perceptivo e a adequação a realidade e indicadores de estresse. Assim sendo, foram consideradas as hipóteses interpretativas de que as vítimas diferem das não-vítimas nas seguintes variáveis:

- a) EgoIndex (índice de egocentrismo); Fr+rF (respostas reflexo); SumV (respostas vista); MOR (conteúdos mórbidos); An (anatomia) e Xy (Raio-X). Variáveis que podem estar associadas à autopercepção distorcida e baixa autoestima;
- b) [H: (H)+Hd+(Hd)] (noção de identidade estável); COP (movimento cooperativo) e AG (movimento agressivo) e os índices GHR (boas representações humanas) e PHR (representações humanas pobres). Variáveis que podem informar um relacionamento e percepção interpessoal prejudicados;
- c) Xo% (forma convencional), Xu% (forma inusual) e X-% (forma distorcida). Indicadores que podem demonstrar as dificuldades no ajustamento perceptivo e na adequação da realidade;
- d) *m* (movimento inanimado), SumY (sombreado difuso), SumC' (cores acromáticas). Indicadores que podem revelar a presença de desconforto psicológico, sentimentos de desamparo e impotência associados a circunstâncias externas.

Procedimentos

Os cuidados éticos inerentes à pesquisa científica com crianças e adolescentes foram tomados; especialmente, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, participando do estudo somente os sujeitos que o preencheram. As aplicações dos instrumentos foram realizadas individualmente, pela autora do trabalho, em uma sala disponibilizada pelas instituições e variou de 45 min há duas horas.

Para que as análises das variáveis do Rorschach pudessem ser desenvolvidas com maior confiabilidade,

os protocolos foram codificados pela pesquisadora, e revisados pela orientadora. Na sequência, foram sorteados aleatoriamente 15 protocolos (25%) para serem recodificados por um juiz independente sem o conhecimento do grupo de origem. Os protocolos foram analisados pelo Kappa tendo-se obtido valores superiores a 0,61 considerados de bons a excelentes. As codificações das respostas ao teste foram inseridas no programa RIAPTTM 5 para compor o Sumário Estrutural (Exner, 2003; Exner e Sendin 1999).

RESULTADOS

Em um primeiro momento serão expostos os resultados da caracterização sociodemográfica e na sequência apresentam-se as análises MANOVA, o Qui-Quadrado e as análises de todas as variáveis do Rorschach entre os dois grupos. Desta forma, na Tabela 1 podem ser visualizadas as estatísticas descritivas do grupo de vítimas e não-vítimas quanto à idade e aos anos de escolaridade.

Na comparação entre os grupos de vítimas e não-vítimas verifica-se que a média da idade não apresenta diferenças estatísticas significativas. Diferentemente, a média da variável anos de escolaridade é mais baixa para o grupo de vítimas. Para as variáveis do Rorschach obteve-se os resultados conforme o exposto na Tabela 2.

Na Tabela 2 pode-se observar que o grupo de vítimas obteve uma média alta An 1,58 ($dp=2,55$), maior que o grupo de não-vítimas que apresentou uma média de 0,9 ($dp=1,3$). Considerando os parâmetros norte americanos para a variável An 0,73 em crianças de 11 anos, observa-se que o grupo de vítimas revela um aumento dessa variável mais acentuado que as não-vítimas. De forma semelhante a variável conteúdo mórbido – MOR – apresentou média alta para ambos os grupos. O grupo de vítimas obteve em MOR uma média de 1,66 ($dp=2,2$) e o grupo de não vítimas atingiu a média de 0,85 ($dp=1,09$). Assim, obteve-se uma diferença entre as médias nos dois grupos apontando valores mais elevados para o grupo de vítimas. Parâmetros norte-americanos para as variáveis de conteúdo Mórbido em crianças de 11 anos de idade indicam uma frequência de 0.72.

TABELA 1
Estatísticas descritivas da idade e anos de escolaridade para o grupo de vítimas e não-vítimas.

Grupos		N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Vítimas	Idade	36	10	14	11,7	1,3
	Escolaridade	36	1	8	5,1	1,8
Não-Vítimas	Idade	40	10	14	11,8	1,4
	Escolaridade	40	4	9	6,1	1,7

TABELA 2
Estatísticas descritivas das variáveis do Rorschach para o grupo de vítimas e não-vítimas.

Variáveis	Grupos	N	Mínimo	Máximo	Média	Moda	Mediana	Desvio Padrão
Fr+rF	Vítimas	36	0	3	0,19	0	0	0,62
	Não-vítimas	40	0	1	0,1	0	0	0,3
Sum V	Vítimas	36	0	0	0	0	0	0
	Não-vítimas	40	0	0	0	0	0	0
MOR	Vítimas	36	0	9	1,66	0	1	2,2
	Não-vítimas	40	0	4	0,85	0	0,5	1,09
An	Vítimas	36	0	13	1,58	0	1	2,55
	Não-vítimas	40	0	6	0,9	0	0	1,3
Xy	Vítimas	36	0	1	0,05	0	0	0,23
	Não-vítimas	40	0	1	0,02	0	0	0,15
AG	Vítimas	36	0	5	0,7	0	0	1,2
	Não-vítimas	40	0	1	0,1	0	0	0,36
COP	Vítimas	36	0	2	0,3	0	0	0,52
	Não-vítimas	40	0	2	0,1	0	0	0,4
m	Vítimas	36	0	7	2	0	1	2
	Não-vítimas	40	0	4	1,6	1	1,5	1,2
Sum Y	Vítimas	36	0	0	0	0	0	0
	Não-vítimas	40	0	0	0	0	0	0
Sum C'	Vítimas	36	0	0	0	0,2	2	0
	Não-vítimas	40	0	1	0,02	0,3	0,26	0,15

As estatísticas descritivas das demais variáveis não evidenciaram valores contrastantes extremos exceto a variável movimento inanimado *m*. Observa-se que o grupo de vítimas obteve uma média elevada em *m 2* ($dp=2$), enquanto o grupo de não vítimas manteve-se nos parâmetros da média esperada de 1,6 ($dp=1,2$). Os dados norte-americanos para crianças de 11 anos de idade para a variável *m* indicam uma média de 1.00 ($dp=0,89$). A Tabela 3 apresenta as estatísticas descritivas das variáveis relacionadas ao estudo para o grupo de vítimas e não-vítimas, com valores categorizados em acima da média, abaixo ou na média, sendo essa média apenas um parâmetro de referência extraído das tabelas norte-americanas para crianças.

Na Tabela 3, observa-se que todas as médias das variáveis com valores categorizados no grupo de vítimas e não-vítimas não evidenciaram valores contrastantes extremos. No entanto, pode-se notar que na qualidade formal X-% houve diferença estatística significativa em que o grupo de vítimas obteve um resultado acima da média mais elevado em X-% (94,4%) em comparação ao grupo de não-vítimas (72,5%).

Os resultados das análises MANOVA de todas as variáveis do Rorschach entre os dois grupos revelou diferenças significativas nas variáveis dependentes sangue Bl, sexo Sx, e qualidade formal FQ-. Esses resultados podem ser visualizados na Figura 1.

TABELA 3
Estatísticas descritivas das variáveis relacionadas ao estudo para o grupo de vítimas e não-vítimas, com valores categorizados.

Variáveis	Grupos	% Abaixo (1)	% Média (2)	% Acima (3)	χ^2	Sig.
3r+ (2)/R	Vítimas	64	33,3	3	3,606	0,165
	Não-vítimas	80	15	5		
SumT	Vítimas	58,3	22,2	19,4	1,693	0,429
	Não-vítimas	72,5	15	12,5		
X-%	Vítimas	2,8	2,8	94,4	6,442	0,04
	Não-vítimas	15	12,5	72,5		
X+%	Vítimas	97,2	0	2,8	4,817	0,09
	Não-vítimas	90	10	0		
GHR:PHR	Vítimas	39	19,4	41,7	1,748	0,417
	Não-vítimas	30	32,5	37,5		
H: (H)+Hd+(Hd)	Vítimas	30,6	33,3	36,1	0,487	0,784
	Não-vítimas	37,5	27,5	35		

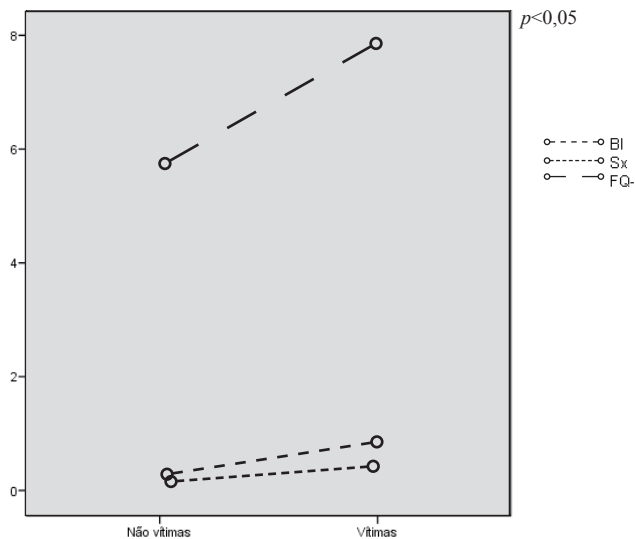


Figura 1 – Diferença entre os grupos de vítimas e não-vítimas na variável BI, Sx e FQ-.

Por meio da Figura 1, observa-se que o grupo de vítimas apresentou média de aproximada de 0,8 e o grupo de não-vítimas 0,2 na variável sangue BI. Estes resultados evidenciaram valores contrastantes extremos entre os dois grupos. Observa-se que o grupo de vítimas obteve uma média alta na variável sangue BI enquanto que o grupo de não-vítimas obteve uma média baixa. Os dados norte-americanos normativos para essa variável indicam uma média de 0,44. Em relação às variáveis Sx e FQ- observa-se que o grupo de vítimas apresentou média aproximada de 0,4 e o grupo de não vítimas 0,1 na variável sexo Sx e uma média aproximada de 7,60 e 5,60 na variável qualidade formal FQ- respectivamente. Os resultados apresentados revelam que o grupo de vítimas obteve média de pontuação mais alta que o grupo de não vítimas nessas variáveis. Os dados norte-americanos normativos não apresentam médias de respostas de conteúdo sexual declarado até a idade de 12 anos e referem para variável qualidade formal FQ- uma média de 2,20 ($dp=1,87$).

DISCUSSÃO

As características sociodemográficas do presente estudo apontaram diferenças importantes no desenvolvimento escolar com relação às variáveis idade e anos de escolaridade entre os grupos. Ao relacionar estas variáveis, o grupo de não-vítimas obteve média melhor de idade com 11,8 anos para 6,1 anos de escolaridade, enquanto o grupo de vítimas com 11,7 anos para 5,1 anos de escolaridade. Quanto aos anos de escolaridades alcançados, o grupo de não vítimas atingiu um mínimo de quatro anos de escolaridade e um máximo de nove anos, enquanto que o grupo de

vítimas atingiu um mínimo de um ano e um máximo de oito anos de escolaridade. Esses resultados parecem ser compatíveis com os dados da literatura e de estudos de investigação que associam a vitimização sexual precoce com as dificuldades cognitivas (Habigzang e Caminha, 2004; Osofsky, 1995).

Como já mencionado, os efeitos malévolos da vitimização sexual não resultam somente em sequelas no desenvolvimento cognitivo, na linguagem, na memória, mas também incidem no desenvolvimento da personalidade (Leifer et al., 1991; Ornduff et al, 1999; Zivney et al, 1988). Nesse sentido, vítimas de abuso sexual, contrariamente às não-vítimas, apresentaram uma média elevada nas respostas de conteúdo anatômico. Isto pode ser um indicativo de que a preocupação com o corpo em protocolos do Rorschach de vítimas de abuso sexual pode estar refletindo uma distorção da auto-imagem decorrente de aspectos relacionados às dificuldades de constituição do *self*.

Porém, mais do que os números, são as verbalizações associadas às respostas de anatomia que sugerem fragilidade, vulnerabilidade na autoimagem, sentimentos de experiências sensoriais vividas em um o corpo anatômico que é tomado como metáfora para a manifestação do espaço psíquico (Chabert, 2004). Nos protocolos das vítimas as evidências dessa fragilidade estrutural são apreensíveis nas respostas – “garganta inflamada”, “pedaço de corpo”. A percepção de um corpo morto e fragmentado, em respostas de anatomia, também mesclam o interior com o exterior do corpo, evidenciando uma dificuldade de integração do *self*. Tais respostas podem também revelar a falta de diferenciação da imagem do corpo correspondente a uma falta de diferenciação do aparelho mental – “aqui o corpo da gente morto e o rato dentro da gente caminhando”, “uma coluna, tem a veia que ta passando por cima”, “coração porque os porcos quando matam a gente vê o coração, não sei se é de pessoa ou o que é” –.

Outro aspecto importante foi que vítimas de abuso sexual demonstraram um aumento de respostas forma e de má qualidade FQ-. Pode-se observar que as experiências abusivas têm um poder aniquilador sobre o outro, suprimem a capacidade do indivíduo de pensar e de testar a realidade (Shengold, 1999). Diante destas vivências, operações defensivas maciças são ativadas com o objetivo de proteger a psique: a negação maciça, a repressão, a dissociação. Chagnon, (2008) chamou a atenção para as características destes protocolos e de indicadores de um prejuízo primário onde insurgem relatos de conteúdos mal-diferenciados e pouco integrados. De maneira recorrente, são comuns as dificuldades em diferenciar formas precisas, que aparecem frequentemente interpenetradas; além de

ocorrer verbalizações quanto ao interior do corpo, utilizando-se como recurso as imagens anatômicas.

Estes achados confirmam as hipóteses iniciais deste estudo em que a produção de An e FQ- seria maior em vítimas de abuso sexual do que em não-vítimas, por apresentarem uma autopercepção distorcida e uma auto-estima rebaixada. Outros autores, já citados como Zivney et al., (1988), também confirmaram em seus estudos que o abuso sexual na infância estava relacionado às variáveis do Rorschach que mensuravam danos caracterizados por cognição perturbada, e senso de si-mesmo danificado. Os achados também corroboram com o estudo de Leifer et al., (1991), ao descrever que meninas abusadas sexualmente mostraram maior pensamento perturbado, e experienciam um nível mais elevado de estresse relativo às suas habilidades adaptativas.

A percepção de um corpo danificado, um senso de si-mesmo fragmentado ou com prejuízos, em vítimas de abuso sexual, em comparação com as não-vítimas, foram apoiados igualmente, pelas diferenças de respostas de código especial mórbido – MOR. Neste estudo, as expressões de conteúdo mórbido parecem inclinar-se para uma identificação do sujeito com um corpo sofrido e fragmentado, em que os atos abusivos foram vivenciados como altamente intrusivos, capazes de comprometer o desenvolvimento de um sentido de si mesmo. As frequentes verbalizações do conteúdo “foi esmagado!” podem estar expressando indícios da falta de interdição, de um ambiente adverso e de uma violência sofrida passivamente (Gravenhorst, 2002). As imagens evocadas “barata esmagada”, “sapo esmagado”, “um rato esmagado”, “lesma pisada”, “fígado sangrando” testemunham o dano corporal e psíquico, um corpo morto e aniquilado.

Dessa maneira, os escores MOR altos, nos achados deste estudo, são compatíveis com os estudos de Nash et al., (1988) que evidenciaram a presença deste conteúdo em adolescentes que sofreram abuso sexual, bem como a existência de estruturas de ego danificadas. Talvez, um dos aspectos mais dolorosos da experiência traumática como já referido, seja o impacto sobre o ego ou a perda de um senso de si mesmo (Cerney, 1990).

Na avaliação do relacionamento e da percepção interpessoal observa-se que as crianças não-vítimas praticamente não deram respostas de conteúdo sexual, enquanto que as vítimas de abuso responderam marcadamente com o aumento de produções, o que pode ser um indicativo de uma reação aos eventos de abuso sexual. As verbalizações – “ta saindo sangue da vagina”, “esse vermelho parece sangue e é parecido com teta”, “parece a pelve”, “a bunda aqui embaixo”, “um pênis com uma camisinha toda estourada”, “pegando nos peitos dela”, “teta arreventada”, “transa de mulher

e homem” –, são representativas de elementos sexuais explícitos manifestados por vítimas, de forma geral, em descrições de anatomia sexual ou genital e em atos e ações sexuais. As respostas sexuais diretas, no presente estudo, podem enunciar uma falha na repressão como também já foi observado no estudo com vítimas de abuso sexual de Gravenhorst (2002).

Estes achados são compatíveis com os resultados do estudo de Billingsley (1995), Friedrich et al., (1997) e Kendall-Tackett et al., (1993) que relataram que vítimas de abuso sexual produziram conteúdos sexuais, tanto explícitas quanto simbólicas mais frequentes no Rorschach. Igualmente, foram observados nos estudos de Leifer et al., (1991) significativamente mais preocupação com sexualidade e com preocupações corporais que incluíram referência ao corpo como quebrado ou machucado.

Outros estudos descobriram associações similares entre aspectos das respostas obtidas no Rorschach e abuso sexual na infância, relatados por adultos, descritos anteriormente. Os dados de Brooker (1990) sugeriram que imagens relacionadas a abuso percebidas no Rorschach por adultos em respostas de conteúdo sexual explícito como também idéias de abuso sexual. Cerney (1990) e Sauders (1991) encontraram associações similares entre respostas no Rorschach e abuso sexual em adultos. Einbender e Friedrich (1989) em estudo de meninas abusadas sexualmente relataram um elevado índice de respostas de conteúdo mórbido e sexual, e um aumento do índice de respostas incomuns.

Nos indicadores de estresse foi previsto que vítimas de abuso sexual produziram médias mais altas do que não vítimas na variável de movimento inanimado *m*, e isto foi confirmado. A presença de *m* pode, neste estudo, informar sobre como as vítimas se vêem e como elas percebem os objetos. Entre as imagens referidas pelas crianças vitimizadas, destacam-se – “ta caindo uns pingüinhos de sangue”, “ta caindo sangue”, “escorrendo sangue”, “ninho, ta se quebrando, se desfazendo”, “muito sangue caindo nas pessoas” –. Observa-se que as respostas *m* estão associadas a conteúdos de sangue e a conteúdos sexuais simbólicos e podem denotar um ego frágil, ameaçado pela invasão de forças alheias ao seu controle (Campo, 2004).

Nesta linha de raciocínio a associação do *m* à cor acromática e ao sombreado difuso no Rorschach, por exemplo, pode estar representando a vivência de sentimentos persecutórios à vitimização, a ansiedade invasora pode estar sendo percebida como fruto do destino, de sua história pessoal. Entre as verbalizações das vítimas deste estudo destacam-se, “o fígado de uma pessoa sangrando porque ta tipo uma cor mais escura e uma mais clara”, “duas nuvens pretas se encontrando”, “um navio negro vindo”.

De forma interessante, entre as demais variáveis do Rorschach verificou-se diferenças estatisticamente significativas para as respostas de conteúdo B1 (sangue). Neste conteúdo, o grupo de vítimas de abuso sexual obteve média de pontuação alta enquanto o grupo não-vítimas obteve uma pontuação baixa. A menção de sangue em “ta faltando um pedaço da cabeça, ta suja de sangue”, “um lençol manchado, sangue misturado com sujeira”, “sangue da garganta”, “se machucou, ficou uma bola de sangue”, pode refletir um sentimento de ter sido violada. Esses resultados são compatíveis com os estudos de Einbender e Friedrich (1989) e Friedrich et al., (1999) que revelam que meninas vítimas de abuso sexual exibiram mais conteúdo não usual, incomum, significativamente, como sexo e sangue.

Pode-se perceber que os resultados deste estudo evidenciaram que o grupo de vítimas de abuso sexual demonstraram diferenças quando comparadas ao grupo de não-vítimas. Assim, a presença de uma autopercepção distorcida e de uma autoestima rebaixada nas vítimas, pode ser decorrente do processo de vitimização o que traz dificuldades na constituição do *self*, como foram reveladas nas variáveis do Rorschach. Esses resultados, como já referido, são consistentes com estudos anteriores e continuam a apoiar a validade do uso do Rorschach na avaliação psicológica de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual.

CONCLUSÃO

É consenso entre muitos autores, que há um severo impacto da vitimização por abuso sexual em todo o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo da criança. A vivência traumática sobrevém em um período de construção psíquica e de grande vulnerabilidade. A imagem que a criança tem de si-mesma fica distorcida, assim como sua visão de mundo e a compreensão de suas capacidades. São comuns as vivências de bloqueio ou queda no rendimento escolar, a evitação de contato, além de comportamentos sexuais desadaptativos. No entanto, dados sugerem que as vítimas reagem de diferentes maneiras e graus; enquanto algumas parecem sofrer consequências menores, outras sofrem graves problemas sociais e psiquiátricos, portanto não se pode esperar um perfil extremamente característico, pois isto poderia ser um confundidor do processo diagnóstico.

Cumpram também acrescentar que os métodos de avaliação psicológica que propiciam a autoexpressão, mais do que fenômenos projetivos, visam a identificar elementos nas produções do examinando; assim representam tanto os mecanismos que regem a estrutura como a dinâmica psíquica (Villemor-Amaral, 2008). Neste contexto, a escassa literatura com a utilização do Rorschach tem destacado duas áreas críticas na pesquisa

sobre abuso sexual, uma se há diferenças entre crianças vítimas e não-vítimas, no que se refere às variáveis psicológicas que não são puramente comportamentais, e outra se há procedimentos de avaliação que possam auxiliar mais a elucidação da percentagem de crianças menos sintomáticas com história de abuso sexual.

Diante destas premissas, o que pode ser destacado, neste estudo, é que as variáveis do Rorschach que monitoram aspectos da autopercepção responderam significativamente, o que possibilitou a discriminação entre os grupos. Os resultados apresentados constituem dados expressivos para as variáveis An, MOR, Sx, m, FQ-, B1, por contribuírem para a evidência de validade do uso do Rorschach não somente como auxiliar na investigação clínica de situações de abuso, mas, sobretudo para ajudar na compreensão dos danos psíquicos ocorridos em crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. Os resultados do presente estudo reforçam uma vez mais que os atos abusivos são altamente agressivos e intrusivos para o corpo de uma criança, e comprometem como já foi relatado, o desenvolvimento de um sentido de si mesmo, de uma subjetivação.

O seguimento de novas pesquisas dirigidas a elucidar os prejuízos causados pelo abuso sexual para o desenvolvimento das vítimas bem como a identificação e a compreensão da dinâmica dos fatores de risco e de proteção, são de especial importância para a ampliação de medidas de promoção e intervenção dirigidas a essa população e as estruturas que retroalimentam a produção da re-vitimização e a emergência de novos casos. Por fim, justifica-se a necessidade de seguimento de estudos de validade do Rorschach em situações de vitimização sexual pela importância deste Método para responder as especificidades deste fenômeno e pela escassez de estudos brasileiros com esta temática.

REFERÊNCIAS

- ABRÁPIA. (2002). *Abuso sexual: mitos e realidades*. Rio de Janeiro: Autores & Agentes & Associados.
- Billingsley, R. C. (1995). Indicators of sexual abuse in children's Rorschach responses: An Exploratory study. *Journal of Child Sexual Abuse*, 4, 2, 83-98.
- Brooker, H. (1990). *Rorschach responses of sexually-abused, physically-abused and non-abused university women*. Paper presented at the 43rd annual convention of the Ontario Psychological Association, Toronto.
- Campo, V. (2004). Acerca del significado de las respuestas de movimiento inanimado (m). *SERYMP*. Disponível em: <http://www.serymp.org/revista/resp-m-Vera.htm>. Acesso em: 20 out. 2007.
- Cerney, M. (1990). The Rorschach and traumatic loss: Can the presence of traumatic loss be detected from the Rorschach? *Journal of Personality Assessment*, 55, 781-789.
- Chabert, C. (2004). *Psicanálise e métodos projetivos*. São Paulo: Vetor Editora.

- Chagnon, J. Y. (2008). Traumatismo, violência e agressões sexuais. In S. R. Pasion, E. T. K. C. Okino, S. R. Loreiro, & F. L. Osório (Orgs.). *Avaliação da Personalidade: técnicas e contextos diversos. V Encontro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* (Vol. IV; pp. 510-535). Ribeirão Preto: SBRo.
- Clinton, G., & Jenkins-Moore, V. (1994). Rorschach responses of sexually abuse children: An exploratory study. *Journal of Child Sexual Abuse, 3*, 67-84.
- Einbender, A. J., & Friedrich, W. N. (1989). Psychological Functioning and Behavior of Sexually Abused Girls. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 57*, 1, 155-57.
- Exner, J. E. (2003). *The Rorschach: A comprehensive system* (4^a ed.) (Vol. I: Basic foundations). New York: Wiley
- Exner, J. E., & Sendin, C. (1999). *Manual de interpretação do Rorschach para o sistema compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Faúndes, A., Andalaf N. J., & Freitas F. (1998). II Fórum interprofissional sobre o atendimento ao aborto previsto na lei, *Femina, 26*, 134-8.
- Finkelhor, D., Ormrod, R., Turner, H., & Hamby, S. L. (2005). The victimization of children and Youth: A comprehensive, national survey. *Child Maltreatment, 10*, 1, 5-25.
- Friedrich, W. Einbender, A., & Carty, P. (1999). Sexually abuse and their Rorschach responses. *Psychological Reports, 85*, p. 355-362.
- Friedrich, M. N., Jaworski, T. M., Huxsahl, J. E., & Bengtson, B.S. (1997). Dissociative and sexual behaviors in children and adolescents with sexual abuse and psychiatric histories. *Journal of Interpersonal Violence, 12*, 2, 155-158.
- Furniss, T. (1993). *Abuso sexual da criança: Uma abordagem multidisciplinar – Manejo, terapia e intervenção legal integrados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gravenhorst, M. C. (2002). Rorschach psychodiagnosis of psychic trauma in sexually abused children. Andronikof, Anne (Ed). *Rorschachiana XXV: Yearbook of the International Rorschach Society*, (pp. 77-85). Ashland, OH, US: Hogrefe & Huber Publishers, VII.
- Habigzang, L. F., & Caminha, R. M. (2004). *Abuso sexual contra crianças e adolescentes: Conceituação e intervenção clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kendall-Tackett, K. A., Williams, L. M., & Finkelhor, D. (1993). Impact of sexual abuse on children: A review and synthesis of recent empirical studies. *Psychological Bulletin, 113*, 164-180.
- Leifer, M., Shapiro, J. P., Martone, M. W., & Kassem, L. (1991). Rorschach assessment of psychological functioning in sexually abused girls. *Journal of Personality Assessment, 56*, 14-28.
- Nash, M. R., Hulsey, T. L., Sexton, M C., Harralson, T. L., & Lambert, W. (1993). Long-term sequelae of childhood sexual abuse: perceived family environment, psychopathology, and dissociation. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 61*, 2, 276-278.
- Ornduff, S. R., Centeno, L., & Kelsey, R.M. (1999). Rorschach assessment of malevolence in sexually abuse girls. *Journal of Personality Assessment, 73*, 1, 100-109.
- Osofsky, J.D. (1995). The effects of exposure to violence on young children. *Am Psicol, 50*, 782-788.
- Saunders, E. (1991). Rorschach indicators of chronic childhood sexual abuse in female borderline inpatients. *Bulleting of the Menninger Clinic, 55*, 48-71
- Shengold, L. (1999). Maus-tratos e privação na infância: assassinato da alma. *CEAPIA, 12*.
- Villemor-Amaral, A. E. (2008). A validade teórica em avaliação psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão, 28*, 1, 98-109.
- Walrath, C. M., Ybarra, M. L., Sheehan, A. K., Holden, E. W., & Burns, B. J. (2006). Impact of maltreatment on children served in community mental health programs. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders, 14*, 3, 143-144.
- Zivney, O. A., Nash, M. R., & Hulsey, T. L. (1988). Sexual abuse in early versus late childhood: Differing patterns of pathology as revealed on the Rorschach. *Psychotherapy: Theory, Research, and Practice, 25*, 99-106.

Recebido em: 27/006/2009. Aceito em: 05/10/2009.

Autoras:

Silvana Alba Scortegagna – Psicóloga. Doutora em Psicologia, área de Avaliação Psicológica pela USF-Itatiba/SP. Docente na Universidade de Passo Fundo-RS. Anna Elisa de Villemor-Amaral – Associada Doutora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade São Francisco. Doutora em Ciências pela UNIFESP e com pós-doutorado na Universidade da Savoia, França.

Enviar correspondência para:

Silvana Alba Scortegagna
Universidade de Passo Fundo
Curso de Psicologia/IFCH
Campus I, BR 285 – Bairro São José – Caixa Postal 611
CEP 99001-970, Passo Fundo, RS, Brasil
E-mail: silvanalba@upf.br